

**#VOLTA
ELDORADO**

PANDA BOOKS

PANDA BOOKS

#VOLTA ELDORADO

EMANUEL BOMFIM

COMO UMA MOBILIZAÇÃO DE
OUVINTES TRANSFORMOU O FIM
DA RÁDIO EM UM NOVO COMEÇO



Texto © Emanuel Bomfim

Direção editorial
Marcelo Duarte
Patth Pachas

Assistente de arte,
diagramação e capa
Elis Nunes

Gerente editorial
Vanessa Sayuri Sawada

Preparação
Ronald Polito

Editor
Henrique Torres

Revisão
Mayara Leite
Beatriz de Freitas Moreira

Impressão
Loyola

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B683v
Bomfim, Emanuel
#Volta Eldorado: como uma mobilização de ouvintes transformou o fim da rádio em um novo começo / Emanuel Bomfim. – 1. ed. – São Paulo: Panda Books, 2026.

ISBN 978-65-5697-534-4

1. Rádio Eldorado (São Paulo, SP) – História. I. Título.

26-107069.1

CDD: 384.5453098161
CDU: 654.191(09)(815.6)

Carla Rosa Martins Gonçalves – Bibliotecária – CRB-7/4782



2026

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

Visite nosso Instagram e TikTok.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

PANDA BOOKS

Maybe the sun will shine today

The clouds will blow away

Maybe I won't feel so afraid

I will try to understand

Either way

– Jeff Tweedy, “Either way”, do Wilco

PANDA BOOKS

*À Marianna,
por me amar, mesmo que eu
ligue o rádio todos os dias.*

*À Maria Alice e Isadora,
por serem filhas tão amorosas.*

*A meus pais, Darlene e Modesto,
pelo exemplo de amor e honestidade.*

E, claro, aos melhores ouvintes.

PANDA BOOKS

SUMÁRIO

Prefácio • O ouvinte	11
1. Ryuichi Sakamoto • “Moving on”	21
2. Quadron • “LFT”	25
3. Tulipa Ruiz • “Às vezes”	32
4. Paco de Lucia • “Almoraima”; Joss Stone • “Wicked time”	40
5. Maurício Pereira • “Trovoa”	50
6. BadBadNotGood & Tim Bernardes • “Poeira cósmica”	59
7. Poolside • “Around the sun”	72
8. Paul Weller • “Going places”	79
9. Fat Night • “Sun go down”	85
10. Bon Iver • “From”	95
11. Cosmo Sheldrake • “Wriggle”	99
12. Gang 90 e as Absurdettes • “Telefone”	111
13. Queen • “Cool cat”	117
14. Radiohead • “High and dry”	124
15. Billie Eilish • “Birds of a feather”	135
1. Neil Young • “Harvest moon”	152

PANDA BOOKS

PREFÁCIO • O OUVINTE

Pare imediatamente de direcionar seu radar e soltar seus perdigueiros pelas ruas da distante Austin, no Texas. Encerre as buscas pelo perímetro de Massachusetts e pelos corredores do MIT. Cancele o voo para Boston. Economize a passagem para Paris. Desista de Harvard e da Sorbonne e devolva os ingressos para o próximo evento da Singularity University.

Informações certas apontam em outra direção: Mogi das Cruzes. Mais precisamente, sintonize seu georreferenciador nas coordenadas da agradável residência do casal Darlene e Modesto Bomfim. É de lá que emana um das mais refinadas e contemporâneas metodologias sobre gestão de pessoas e empresas de que se tem notícia.

Emanuel Bomfim, filho querido do casal, talvez tenha conseguido realizar, na prática, o que as grandes academias, simpósios e escolas de negócios vêm gastando anos tentando decodificar e ensinar: conciliar negócio e lucro com propósito, prazer e satisfação pessoal.

Não parece fácil. Não é.

É daquela cidade do interior paulista, que nas últimas décadas se transformou também num respeitá-

vel centro universitário, que vem o autor deste livro. E, mais importante, o homem que pilotou uma das mais necessárias, celebradas e relevantes emissoras de rádio do Brasil.

Emanuel é um desses exemplares cada vez mais raros de uma espécie em extinção: gente interessada genuinamente no que o outro tem a dizer.

Parece pouco. Não é.

Nas salas e teatros do South by Southwest, nas universidades, nos congressos e nos intermináveis eventos de “inovação e conteúdo” que pipocam todas as semanas, o mundo corporativo elegeu um emblema novo para uma ideia muito antiga: humanização.

O cantochão mais recente da turma dos crachás é mais ou menos este: a nova e mais fascinante tecnologia de todos os tempos é a experiência existencial humana. Bonito. Inteligente. Quase irrefutável. O problema é que, apesar de milhares de seminários, mesas de debates, podcasts, palestras e *powerpoints* sobre o tema, ninguém parece ter resolvido o problema da desumanização do mundo corporativo na vida real.

Assim, as grandes organizações continuam sofrendo para atrair e, principalmente, reter gente talentosa de verdade.

Qualquer diretor de “cultura e gente”, como o RH passou a ser chamado depois de descobrir que as letras R e H soavam um pouco áridas, sabe que, mais difí-

cil do que crescer, bater metas e navegar em oceanos cada vez mais congestionados, é convencer uma pessoa realmente brilhante a funcionar com grau mínimo de satisfação, num sistema que ainda espera que ela se desloque todos os dias para o mesmo lugar, no mesmo horário, fique horas e horas com as mesmas pessoas, faça tarefas que nunca acabam e entregue, em troca de uma remuneração, aquilo que tem de mais precioso: saúde, tempo e vida.

Pasmem: ainda fazemos isso.

Imagine essa equação agravada por um dado bastante prosaico: pouco dinheiro na conta. Foi essa a situação que Emanuel Bomfim encontrou quando assumiu a Eldorado dez anos atrás. Ele conta tudo isso nas páginas deste livro, usando outra de suas virtudes, o domínio da língua.

Mas quero me deter em seu talento mais precioso e visível. A escuta. Emanuel escuta. Escuta os colaboradores. Ouve os ouvintes. Os funcionários de maior e menor projeção no organograma. Os artistas. Os músicos. Os empresários de bandas. Os colaboradores externos. Os fãs. E ainda legiões de chatos de todas as cepas.

Não como técnica de gestão. Não porque algum consultor lhe tenha dito que ouvir aumenta o engajamento. Ele escuta porque tem interesse real pelo outro. Talvez essa seja a sua grande tecnologia. Enquanto o mundo corporativo agora gasta fortunas tentando des-

cobrir como humanizar suas relações, Emanuel fez uma coisa muito mais simples: prestou atenção.

E foi assim que construiu, ao longo de uma década, um castelo muito delicado, frágil até. Mas que, como um coral crescendo no fundo do mar, foi ganhando força, grandiosidade e beleza. Uma construção que foi se tornando capaz de gerar e abrigar vida e atrair para perto, uma energia que há muito tempo não se via por ali.

A Eldorado desses últimos dez anos, com Emanuel segurando o manche na cabine de comando, voou mais alto. Voou o mais alto possível. E isso não é pouca coisa, porque tudo conspirava contra.

A verba publicitária derretia. O dinheiro migrava para os cofres dos grandes *players* digitais. As plataformas de música tomavam o lugar antes dividido entre rádios, gravadoras, TVs, revistas e outros veículos tradicionais. O mundo da mídia mudava numa velocidade que ninguém parecia capaz de acompanhar.

E sobrava cada vez menos espaço para arte boa, cultura refinada e jornalismo responsável. Foi justamente essa receita tradicional da casa que Emanuel decidiu preservar. E melhorar.

Foi engrossando o caldo delicadamente, adicionando condimentos e ervas finas, até que sabores, perfumes e texturas se tornassem cada vez mais irresistíveis ao coração e a todos os sentidos de quem se relacionava com a rádio.

Com recursos bastante limitados, conseguiu atrair e manter vibrando um pequeno exército de Brancaneone, movido a 200% de paixão não apenas pelo rádio, essa ferramenta mágica e meio inexplicável, mas pela nossa necessidade profunda, urgente e desesperada de manter vivas algumas ilhas de resistência. Trincheiras fundamentais na luta contra a estupidez estrutural que nos cerca. Ilhas empenhadas em preservar aquilo que ainda nos permite ser quem somos. Dignidade. Memória. Inteligência. Arte original. Uma certa ideia de elegância. Coisas que parecem cada vez mais exóticas.

É importante lembrar que, para Emanuel estar ali, precisava existir uma casa como o *Estadão*, capaz de manter na rota aquele barco feito para navegar nas ondas sonoras por quase sete décadas. Parte de uma navegação que, registre-se, já ultrapassa os 150 anos.

E eu também, felizmente, estava naquele barco.

Com muito orgulho, fiz e faço parte do casting da Eldorado nos últimos 22 anos ininterruptos. E por isso fiz questão de estar naquela que seria a última noite, ao lado dos companheiros, no estúdio, quando aquilo que para nós sempre soou eterno estava chegando ao fim.

É estranho presenciar o fim de um lugar que, durante tantos anos, parecia imortal. Naquela noite, por determinação do capitão Bonfim, e fazendo jus ao adequado sobrenome, o microfone estava aberto para quem quisesse falar. E falaram todos. Diretores. Produtores.

Operadores. Apresentadores. Funcionários. Gente de diferentes idades, tempo de casa, cargos e posições.

Havia uma espécie de linha comum a todos os depoimentos: ninguém lembrava de métricas de audiência, de metas, faturamento ou resultados, atingidos ou não. Falavam de Emanuel.

Nunca vi tanta unanimidade (positiva, claro) em torno de um chefe. As falas eram invariavelmente sobre como ele tornava o trabalho mais inteligente, eficaz e coeso. Mas, principalmente, de como tornava a vida de todos mais leve, divertida e simples.

Talvez “simples” seja, aliás, uma palavra tão importante quanto “escuta” para descrever Emanuel.

Estamos falando de alguém tão simples que acaba se tornando muito sofisticado. Essa é uma graça que poucas pessoas têm. Um tipo de líder, diga-se, bastante incomum num mundo empresarial que ainda costuma premiar o personagem do macho “poderoso”, ostensivo, triatleta ou surfista de piscina, que opera pelo medo e pelo controle e acha que liderança é fazer força para ocupar todo o espaço.

Emanuel opera no vetor contrário. Não precisa levantar a voz para ser ouvido. Não precisa produzir medo para obter respeito. Não precisa ocupar a sala inteira para ser percebido.

Talvez porque tenha descoberto uma coisa elementar: as pessoas costumam dar o melhor de si quando sentem que alguém realmente se importa com elas.